

Palestra 5702C28

Notas

AS TRÊS PARTES DO HOMEM

Podemos ficar tão envolvidos na significância do estudo do homem que ficamos com a ideia que esse assunto tem uma dimensão que excede o entendimento humano. Foi o que aconteceu durante 50.000 anos, porque as pessoas não podiam tolerar tanta simplicidade.

O thetan não pode ser percebido nem medido porque ele é a fonte da percepção e da medição. Mas um indivíduo pode exteriorizar e experimentar ser um thetan. Por não ser capaz de aperceber outros thetans é fácil sentir-se como se fosse o único. Agora, pela primeira vez, através de várias manifestações e por causa do que já sabemos, podemos observar isto nos outros. Existem muitas maneiras de experimentar a ideia de outro a exteriorizar: em primeiro lugar o tom de voz muda. Outra coisa que é provável que faça é pôr a cabeça para traz para dentro do pescoço. Pode até fazer várias coisas, todas elas manifestando exteriorização. É capaz de dizer muitas coisas, nenhuma das quais manifesta exteriorização, mas uma espécie de mística, barrado por todo o universo. O thetan que está ali, não está.

A exteriorização não é um facto estável. É o fenómeno de estar numa posição ou espaço, dependente apenas da consideração de cada um ser capaz de ver a partir desse espaço, o corpo e a sala tal como são. Pode-se ver ou controlar o corpo à distância. Se a pessoa tiver dificuldade em controlar o corpo de perto, não sairá para fora da cabeça, porque certamente não irá ser capaz de controlá-lo à distância. Por isso, torna-se apenas necessário assumir as capacidades de controlar alguma coisa à distância para ser capaz de exteriorizar à vontade, na medida em que toda a vontade de exteriorizar é meramente suprimida por este factor de controle. Um dos primeiros métodos para exteriorizar alguém era levá-lo a mudar as suas considerações percorrendo-o em “Eu posso controlar este corpo. Eu não posso controlar este corpo.” Quem nunca tenha saído para fora da cabeça sairá desta forma.

Contudo, a tarefa da Cientologia hoje em dia não é pôr as pessoas fora das suas cabeças. Podem exteriorizar-se a vós próprios agarrando a cabeça com ambas as mãos e impedir que ela se vá embora. Ou podem agarrar a cabeça e os joelhos e alternadamente não deixar que se vão embora, mudando a atenção para não ficarem demasiado fixos. A dimensão da vossa percepção é outra questão e também tem a ver com a vossa disposição. Se não puderem ver o vosso corpo, existe escassez de corpos. Se não puderem ver o universo, existe escassez de universos. Qualquer fenómeno que ocorra para além duma disposição para estar fora da cabeça ou controlar o corpo à distância, é regulado pela falta ou abundância de corpos e universos. O mais velho truque ainda resulta: “Tenta não estar três metros atrás da tua cabeça”. Cerca de 50% sairão com, “Fica três metros atrás da tua cabeça.” porque têm sido muito determinado por outros.

A visão depende de escassez e abundância. A experiência depende da vontade de experimentar, a qual é regulada pela quantidade de coisas disponíveis para experimentar. Uma cultura é um composto de coisas que nem existem nem demais nem de menos. Por exemplo, nós temos muitos (mas não demais) automóveis porque eles podem ser reais. Dizimar este país, é uma ideia aproximada da ideia tipo Índia sobre seres humanos: a ideia de que há gente a mais. Numa sociedade limítrofe existem de menos. À medida que as pessoas aumentam, elas tendem a tornar-se invisíveis. Num limite, até que haja pessoas suficientes, eles dramatizam ver-se livres de pessoas. No meio, podem ter uma sociedade progressiva, e os Estados Unidos foi uma dessas sociedades com 25 a 100 milhões de pessoas. Agora existe gente demais para poder ser toda observada. Até mesmo pessoas importantes passam despercebidas.

Uma pessoa pode simplesmente sair da sua cabeça sem ajuda exterior, se tiver espaço e universo para onde ir. Não deve ter falta de espaços como resultado de estar fora de comunicação com eles. A sua ideia de falta de espaços depende da sua vontade de os ver. O auditor tem de pô-lo a reconhecer o is-ness da sala à sua volta. A sua ideia de que as salas são escassas ou demasiado numerosas dá-lhe a ideia de que ele não pode ver esta sala. Da mesma forma, se tiver poucos corpos, ele não quererá sair daquele onde está metido. É o mesmo com a super abundância de corpos. Por isso remediar a sua havingness o corpo dentro do qual está metido, é necessário para exteriorização estável.

Uma escassez de experiência trás uma retenção de quadros de imagem mental. Então a mente fica superlotada ou volta atrás. As imagens podem mesmo penetrar no negrume, produzindo o caso escancarado em que a mente controla o thetan. Esta é uma condição de sobrecarga, não é saúde. Quando o thetan obedece aos registos da mente, temos padrões de comportamento, etc.. A mente é o registo, mas o thetan é a agulha. Uma escassez de experiência provoca a fabricação de imagens. As pessoas que jogam as mentes mais de perto, não têm tido uma vida bastante excitante.

O funcionamento deste mecanismo depende de associação e diferenciação, ou de identificação e diferenciação. Quando a mente reactiva pode exercer mais influência do que o próprio thetan, a pessoa torna-se demasiado associativa para conceber diferenças. Pode dissociar a um nível invertido, onde diferencia incorrectamente. Quando louca, ela obtém má identificação e desassociação. Quando a mente está a trabalhar optimamente ela nunca identifica mas apenas concebe uma semelhança. Falta de objectos, incidentes e experiência põe a mente a identificar mais do que associar. Não é a tensão nem o excesso de trabalho que origina isto. É por isso que problemas de magnitude comparável ou “Cria qualquer coisa para confrontar” resultará, aliviará somáticos, etc.

As coisas que vos acontecem são automáticas, pois a vossa participação na sua ocorrência não é nenhuma. Ao correr problemas de magnitude comparável, não só avaliam e adicionam incidentes ao banco, mas também tomam conta do automatismo de incidentes chocantes que vos aconteceram. Depois de terem subido toda a linha, a ideia de “pouco” torna-se na ideia de “Eu não fiz isso”. Então isso desaparece e tudo se torna numa pandeterminação de incidentes, momento em que ficarão convencidos de poder criar incidentes e perder a escassez de incidentes. Num mundo de écran de TV, estão sujeitos a ter problemas. As imagens de TV são padrões de luz e sombras, um mecanismo restimulativo para deslocar o vosso banco e dar-vos de novo algum segmento daquilo por que já passaram.

Apenas vos pode dar o conhecimento que vós já tendes (mesmo distante). As pessoas recusarão ler acerca de certos períodos na história por causa da experiência nesses períodos. Um thetan recusará olhar para certas partes do seu passado e para o banco, mas pode ser posto lá se necessário. Apenas as pessoas que tiveram pesados problemas numa vida passada, recusam-se a olhar para lá, mas se não tiverem falta de incidentes horríveis, podem confrontá-los melhor.

O incidente restimulado é mantido no lugar por duas razões. Foi automático, isto é, o Pc deixou grandes secções dele feitas por outrem, e ainda, não houve bastante desse incidente. Aqueles incidentes mais escassos tendem a colar-se mais fortemente. Seja o que for que se mantenha a si próprio não tem um terminal contra o qual descarregar e desagrega-se.

Qualquer velho incidente podia reagir fisiologicamente contra o Pc, caso o auditor o quisesse restimular completamente, nunca deixando o pc ser causa sobre ele, avaliando-o, invalidando, etc. Deveriam saber como isto se faz desde que fazer mal ao Pc não se tornasse um hábito para vós. (Conforme situação, encontro, e primitivas terapias de gritos que causam um efeito.)

Então a mente é um mecanismo para ultrapassar a falta de incidentes e experiência no tempo presente, armazenando imagens do passado. Se recuperarem a capacidade do pc

para fazer figuras sólidas, haveis realmente conseguido algo. Ele fica com algum casualidade óptima que seria a quantidade certa de imagens. Portanto, terão de mudar a sua ideia acerca da quantidade de movimento necessária antes de poder mudar o pc. Isto é feito com escassez e abundância, isto é, havingness.

O corpo é um apêndice sólido que torna a pessoa reconhecível. A mente modifica o corpo, o qual é um mockup. Para mudar um corpo, terão que mudar a estrutura mental e também a vontade do thetan o ter na sua presente condição. O corpo submete-se primeiro à sua estrutura electrónica, isto é, os pontos âncora. Ele é sólido apenas dentro destes espaços e aberrará a sua forma na ausência deles. Portanto a forma mais fácil de modificar um corpo é pôr o thetan na disposição de manejar pontos âncora e então remediar a escassez e abundância de pontos âncora e pôr os verdadeiros pontos âncora na posição óptima. As figuras de imagens mental também influem no corpo, influenciando os pontos âncora. Um fac-símile impõe-se ao sistema de pontos âncora através de campos e correntes magnéticas, dando origem a que o corpo mude de forma e tamanho. Os pontos âncora são bolas douradas. Se a pessoa estiver em boa forma, terá os seus pontos âncora laterais a cerca de 22,5m. Podemos pegar num, puxá-lo para fora da linha e a pessoa andarà em circulo. Para arranjar um braço partido teremos que remediar a havingness dos pontos âncora baralhados. Podemos ligar um braço no sítio errado movendo os seus pontos âncora.

Influir na mente influenciando o corpo só é possível influenciando a havingness dum thetan. Só podemos influenciar um thetan dessa maneira na medida em que isso influenciar abundância e escassez de corpos. Se continuarmos a tirar coisas às pessoas, elas acabarão por morrer por falta de havingness. O ser, vive num universo que é outra influência monitora da mente e do corpo, não necessariamente do ser. Quando um incidente acontece ao corpo de uma pessoa ela faz uma imagem disso e usa-a quando ocorre uma situação semelhante. Também a usa quando tem escassez de incidentes. A capacidade do thetan não muda; apenas a sua vontade de viver aumenta ou diminui na directa proporção da escassez ou abundância de coisas nas quais tem interesse. Esta escassez e abundância influencia-o assim como a sua cultura. A cura para isto é pôr o indivíduo em comunicação com o is-ness de uma situação ou objecto e deixá-lo voltar a familiarizar-se com isso. Então ele é capaz de se conceber a si próprio capaz de viver novas experiências, vendo alguma coisa directamente, etc., podendo assim a sua vida ser corrigida.

Podemos ajustar a havingness de uma pessoa, a sua capacidade de conceber um is-ness e com ele comunicar, ajustando o número ou escassez de coisas.

Fim

Isto só lhe pode dar a experiência que você já (mesmo que distante) teve. Pessoas recusarão ler sobre certos períodos da história por causa da experiência nesses períodos. Um thetan recusará olhar para certas partes do seu passado e do banco, mas podem ser levados a eles se necessário. Só pessoas que têm tido problemas pesados numa vida passada se recusam olhar, mas se eles não tivessem escassez de incidentes horríveis, eles poderiam confrontá-los melhor.